

## RELATO DE EXPERIÊNCIA ENQUANTO ESCRITA DE ARTIVISTA: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA VISUAL DO TRABALHO MASCULINIDADES EMBUCETADAS NO CONTEXTO DE ARTE, SUJEITO E CIDADE

Taliboy<sup>24</sup>



Taliboy, *Escrita de Artivista – MASCULINIDADES EMBUCETADAS*, 2022. Fotoperformance (#riodeencosta + transe(j)untas, Rio de Janeiro (RJ))

### NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este relato de experiência, intercala entre os registros de processos artísticos, da escrita de artista ou melhor *escrita de artivista* (junção de arte e ativismo), na busca por uma escrita de si que deem conta de captar as complexidades envolvidas nas experiências, assim como tem por objetivo apresentar a prática visual do trabalho *Masculinidades Embucetadas*. Desenvolvi tal projeto durante o primeiro semestre de 2022, onde me apropriei da camisa de futebol do Flamengo – maior torcida do Brasil – para apresentar os sujeitos e as principais questões que mobiliza a pesquisa do doutorado em Arte e Cultura Contemporânea do PPGARTES – UERJ na linha de Arte, sujeito e cidade. Importante dizer que este trabalho segue aberto e em experimentações diversas e, por isso, de antemão, a escolha inicial é de trabalhar na rua em diálogo com a academia, além das redes sociais para ecoar essas experiências e relatos.

Essa pesquisa se constrói no embate teórico-prático em torno das questões de subversão e reconhecimento das identidades, no “entre” a Teoria *Queer* e as políticas afirmativas

---

<sup>24</sup>Taliboy faz parte da multidão das masculinidades embucetadas, portanto nomeia-se enquanto uma pessoa transmasculina e sapatão. É também artivista urbano, pesquisador. Mestre em Processos Criativos pelo Programa de Artes Visuais da UFBA (2021). Graduado em Comunicação Social pela UFBA (2010). Atualmente está como doutorando no programa de Arte e Cultura Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [tali.ha.correia@gmail.com](mailto:tali.ha.correia@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2185-127X>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5262430991913073>. Rio de Janeiro, Brasil.



LGBTQIAP+ na América Latina. Assim, mobiliza os embates e disputas entre as “novas”<sup>25</sup> e velhas identidades que tocam nas questões de gênero e sexualidade, sem desconsiderar outros marcadores sociais da diferença como raça, classe, territorialidade, em corpos com vulvas e que performam masculinidades, ou no que venho chamando de *masculinidades embucetadas*, com o intuito de produzir alianças entre sujeitos que, por possuírem uma mesma genital, passam por toda uma generificação forçada para se adequar a um padrão feminino que não conseguem ou não aceitam performar em suas vidas cotidianas. Essas pessoas também sofrem diversas violências e ininteligibilidade de suas existências, assim como dificuldades de acessos básicos e invisibilidade social.

Tenho no horizonte poético a experiência com a metodologia autobiográfica que trabalhei no mestrado e também a possibilidade de deslocar o método da autoetnografia do campo das ciências sociais para a análise e desenvolvimento dessa pesquisa, contudo o próprio desenvolvimento da mesma apontará os caminhos e escolhas metodológicas futuras.

Outro apontamento que gostaria de fazer, antes de iniciar os relatos, é a implicação da *escrita de artista* enquanto prática visual, onde “pensar é fazer” e “fazer é pensar”. Isso possibilita as interligações entre os campos da estética e da ética, favorecendo chegar em lugares mais potentes de produção de conhecimento, testando os limites da experimentação, da experiência e aplicação direta na realidade, buscando alterá-la, criar ruídos e transformá-la, ao mesmo tempo em que se é também transformado por essas mesmas ações-teorias. Portanto, as imagens aqui trazidas são entendidas também como parte fundamental dessa *escrita de artista*.

Intercalarei nesta escrita, dois momentos cruciais para o desenvolvimento deste trabalho/experiência. O primeiro será nomeado como *Retorno ao campo da norma: embates estruturais na cidade originária*, que antecederam o atual estado da arte desse trabalho, inclusive territorialmente, pois aconteceu na cidade em que nasci, Vitória da Conquista (BA), para onde retornei depois de 19 anos, em razão da pandemia. O segundo momento, traz as *Experiências iniciais na Cidade Maravilhosa - #riodetranslute*, que parte desde a apropriação e experiências com as camisas do Flamengo no espaço urbano, como o relato da produção do lambe que aconteceu nas imediações do Maracanã, no bairro da Tijuca – RJ.

---

<sup>25</sup> “Novas” identidades de gênero enquanto reconhecimento social e diálogo com o as políticas públicas do Estado, porque na vida comum, esses indivíduos sempre resistiram (resistir e existir) posicionados em outras categorias desviantes da norma.



É importante dizer que essas escritas acontecem, no máximo, um dia após essas práticas visuais, ou seja, são relatos quase simultâneos e *in locus*, justificando a potência em revelar importantes questões do trabalho. Desse modo, essas escritas têm por finalidade além de expor as motivações iniciais, processuais ou para além do caráter documental, provocar a apreensão do poderíamos chamar de enquadramentos porosos da subjetividade. Esse conceito é baseado nos estudos e crítica de Judith Butler (2018) sobre a limitação dos enquadramentos tecnológicos numa zona em que se pretende apreender o inapreensível da experiência/manifestação enquanto verdade inquestionável. Ou seja, aqui interessa tanto o que emerge à consciência a partir dessas experiências, e também o que fica de fora, o inaudível, e o que não pode ser escrito/capturado.

Nestes escritos de artistas, diálogo também com a forma da escrita acadêmica performática, *f(r)iccional*, que deem conta de abarcar o terreno movediço das experiências artísticas proposta por Luciana Lyra (2020), conectada com as forças caóticas da vida, presente nas experiências de quem vos fala, onde na maioria das vezes, essa voz fica de fora, ou não é devidamente levado em consideração, principalmente dentro do contexto acadêmico com sua pretensa neutralidade, universalidade, que busca a todo momento esvaziar o conhecimento da experiência, assim como pressupõe ao mundo uma estabilidade que bem sabemos não existir.

Feitos essas considerações iniciais, vamos aos relatos de experiências enquanto *escrita de artista* da prática visual do trabalho *Masculinidades Embucetadas* e nada mais elucidativo do que retornar aos embates estruturais na cidade originária.

## **RETORNO AO CAMPO DA NORMA: EMBATES ESTRUTURAIS NA CIDADE ORIGINÁRIA**

A primeira experiência aconteceu no dia 17 de novembro de 2021, em meio aos rolezinhos da *Multidão SAPATRANSBONDE*<sup>26</sup> que realizava na terra natal - Vitória da Conquista (BA), lá no final da defesa do mestrado. Por entre as inscrições do doutorado, caminhando pelos arredores da casa de minha avó, cheio de terrenos baldios e espaços em construção, lugar que hoje é ocupado por uma parte da classe média da cidade, vi no chão

---

<sup>26</sup>Rolezinhos da *Multidão SAPATRANSBONDE* é um conjunto de ações – práticas visuais - artistas que desenvolvi durante o mestrado teórico-prático no PPGAV-EBA-UFBA (2021), em que consistia espalhar as identidades do que chamei de *Multidão SAPATRANSBONDE*, no espaço urbano da cidade.

riscado de giz branco (daquelas pedras de cal) desenhos infantis, aos montes, que tomava todo o asfalto. Queria mesclar ali, em meio aquele universo infantil, alguma tensão que envolvesse as questões de gênero e sexualidade, afinal aquelas crianças provavelmente estariam acompanhadas de adultos, então peguei um pedaço da pedra de cal, escrevi, **SAPATÃO TRANSMASCULINO**, e deixei no meio dos rabiscos infantis.

Infelizmente não estava com a câmera em mãos, por isso não existe o registro fotográfico dessa primeira experiência, mas isso seguiu em mim como possibilidade, assim como esses rolezinhos nos arredores da casa da minha avó. Como citado antes, havia nesses espaços muitas construções civis e trabalhadores, na maioria homens cisgêneros, racializados, mas também a presença dos patrões, homens brancos da engenharia e do capital. Logo sabendo que teria essa audiência, resolvi escrever no asfalto **HOMEM DE VAGINA** (fig.1), já plantando sementes e querendo ruir as certezas dos binários hierárquicos do cis-tema sexo-gênero, do qual nos aponta Butler (2003).



Fig.(1). Taliboy, *Escrita de Artivista 1 – HOMEM DE VAGINA*, 2021. Cal, 100 x 100 cm, Vitória da Conquista (BA)

Desde o início da pandemia, quando saí da minha bolha de proteção feminista e sapatão que vivia há mais de uma década, entre “as minhas”, voltei a entender que, de fato, quem seguia operando o mundo era a ordem cisheterobrancapatriarcal, não que antes não soubesse ou houvesse embates com a norma, sabia e havia, mas devido à construção afetiva do meu campo/bolha, cuidadosamente construído, os impactos desses embates eram logo dissolvidos em outras práticas sociais que primavam por relações afetivas horizontais e não-hierárquicas.

Mas agora com a pandemia tudo ruía. Assim, entendi que para retornar ao campo da norma em que nasci e cresci, precisava re-tomar esse diálogo interrompido com as masculinidades hegemônicas e a violência exploradora da hegemonia, com quem agora haveria que travar as próximas batalhas.

Por conseguinte, partiria para a próxima experiência de deixar recados em formas de escritas nos campos da norma. O lugar escolhido foi novamente ao lado da casa de minha avó, pois há dois campos de futebol, daqueles de areia, tão comum nos interiores e nas periferias



desse Brasilzão. No dia da entrevista do doutorado, na terceira etapa, estava muito nervoso, sem um cômodo tranquilo na casa dela, então resolvi caminhar pra tentar relaxar e escolhi ficar num desses campos de futebol. Logo, pego um graveto no chão, e escrevo perto das traves do gol, **SAPATRANSMASCULINE PARA DESLOCAR A NORMA DO MACHO ALFA** (fig.2).

A escolha por deixar perto das traves já era pensando no registro fotográfico para ter o contexto da escrita, e foi assim que soube que havia encontrado ali um lugar de potência a ser explorado! Com fé no **AXÉ DOUTORADO, AÍ VAMOS NOIX!** que também foi escrito em outra parte do campo, um pouco antes de me dirigir para a entrevista virtual.



Fig.(2). Taliboy, *Escrita de Artivista 2 - SAPATRANSMASCULINE PARA DESLOCAR A NORMA DO MACHO ALFA*, 2021. Graveto e areia 150 x 100 cm, Vitória da Conquista (BA)

Vida que seguiu, novembro, dezembro, janeiro, vou para São Paulo (SP). Eis que retorno em fevereiro de 2022 a Vitória da Conquista (BA), para buscar minhas coisas e finalizar o projeto *Máscaras da Multidão SAPATRANSBONDE*, aprovado pela Lei Aldir Blanc Bahia. O projeto dava seguimento às discussões realizadas na pesquisa do mestrado, e esperava o resultado do doutorado para saber qual rumo minha vida tomaria naquele momento.

São Paulo ou Rio de Janeiro? Novamente os campos de futebol voltavam à minha mente e pensei que em Conquista é mais fácil realizar esse trabalho, pois sei onde tem pelo menos três a quatro campos, e posso achar outros no caminho. Precisaria apenas comprar a cal em pó, em loja de material de construção, igual ao que marca o campo, pois é barato e fácil de conseguir. Agora é só achar um tempo na doidera do processo das máscaras e das *lives*, até o início de março para sair daqui com algumas imagens desse trabalho.



Também tinha a noção que precisava pensar melhor na frase e recados para deixar nos campos da norma, ainda não havia nada certo. Então, no dia do meu aniversário, 18 de fevereiro de 2022, que já vai virando tradição, no ano de 2020 foi a vez de realizar o *NOSSA SENHORA TRANS/TRAVESTI*, no Vale do Anhangabaú (SP), e que agora em 2022 são as *TRANSMASCULINIDADES* em campos de batalhas que vão pedindo licença para passar.

Não sai de casa pensando em realizar essa ação, sabia que dia 20 de fevereiro seria a Visibilidade Trans Masculina, estava tão feliz que deu certo o cartão de vacinação, havia perdido um pouco antes do Natal, e o babado de repassar a segunda dose para o site do Conecte SUS. O posto de vacinação em questão era para as bandas da casa da minha avó e dos campos de futebol, superlonge de onde estava agora, pois neste segundo retorno ao território de origem, haviam me expulsado e proibido de retornar a casa da minha avó. Ela não sabia de nada disso e não teria permitido, como não permitiu que me expulsassem da casa dela em plena pandemia, mas também isso é assunto que tem a ver com as transfobias e os embates perturbadores com as normas, que de fato não sustentam a própria família. De qualquer modo, essas pessoas ainda assim seguem bradando em dizer que tudo que fazem é para defender a família. Enfim, ainda era cedo, tipo 11h e pouco da manhã, pensei em ir visitar Maria, uma das cuidadoras da minha avó, afinal estava mais perto da casa dela, então fui nessa direção, pensei que poderia fazer viagem perdida e resolvi curtir o dia de boa.

Eis que nesse momento me deparo com outro campo de futebol bem ali, vazio e disponível. Na hora fico pensando em tudo: na dificuldade, no tempo pra voltar ali, a oportunidade para realizar logo, até porque estava com celular, bateria...Fiquei pensando numa frase, mas penso também que aquele dia era um dia para relaxar, já que estava no meio do projeto de edição e realização das *lives*. Nesse dilema passo por uma loja de construção. Mais na cara impossível, pergunto então o valor da cal: R\$ 8,00. Levanto o pacote pra sentir o peso, não é tão pesado assim. O cara da loja fica procurando uma sacola e vamos nessa.

Quando vejo já estou caminhando em direção ao campo. Percebo algumas crianças lá longe e sei que elas vão colar na hora que me pôr em ação, mas enfim, não vou ‘perder’<sup>27</sup> para criança também, afinal, as urgências e os estímulos são maiores... Não dá outra, quando ainda tô no **HOMENS TRANS**, as crianças já se aproximam. Um grupo de em torno quatro, e eu sigo na função, jogando a cal com as mãos, e eles perguntando um monte de coisa. Só me

---

<sup>27</sup> No sentido de me intimidar, calar.

lembro de dizer que era um trabalho que realiza em campos de futebol de areia, ao mesmo tempo em que seguia escrevendo um nome abaixo do outro **MASCULINES, SAPATÃO TRANS MASCULINE**, e eles lendo com certa dificuldade, porque as letras estavam meio ‘paia’<sup>28</sup>. Era a primeira vez que escrevia com cal, então tudo estava confuso, o famoso “descobrir fazendo”. Ainda assim, era possível ler.

Depois eu fui para o meio das palavras e coloco um sinal de igual e do outro lado escrevo **CORPOS COM VAGINA**, muitas coisas passam pela minha cabeça nesse momento, mas sigo, corpo fechado. O grupo de crianças lendo homens trans, alguém perguntando: o que é isso? O outro: sei não... quando viram “sapatão”, logo sabiam o que significava e riam baixo. Eu disse que escreveria pra fazer uma foto, eles ficaram jogando um para o outro piadinhas, mas não saíam de lá, e também me respeitavam, assim como me tratavam no feminino. Pergunto se eles conhecem algum homem trans? Eles dizem não, e logo perguntam de volta: “o que é isso?” Então pergunto se conhecem alguma travesti, e um deles diz que conhece uma mulher trans. Nesse momento, os outros não zombam, escutam, e me perguntam o que é um homem trans. Eu digo que são homens que possuem vagina. Eles ficam de cara no chão, dá até pra sentir que parecem que ninguém nunca havia dito que havia essa possibilidade para eles. Nessa hora peço pra tirar uma foto com eles e na mesma hora o grupinho se dispersa, até que um fica falando pro outro: vai lá, vai lá. Um deles está com uma máscara de palhaço, acho aquilo tudo surreal, e incentivo ele a ficar de costas com a máscara que ficaria massa na foto (fig.3). Ele topa. Mostro para ele a imagem e ficamos ali analisando as fotografias. Me despeço. Antes de ir um deles me pede um pouco de cal e atravesso o campo na direção aos outros campos de futebol.



Fig.(3). Taliboy, *Escrita de Artivista 3 - HOMEM TRANS MASCULINOS SAPATÃO TRANS MASCULINES = CORPOS COM VAGINA*, 2022. Cal, 600 x 150 cm, Vitória da Conquista (BA)

<sup>28</sup> Gíria comum do Nordeste para dizer que uma coisa está com uma qualidade ruim ou duvidosa.



O sol está a pino, eu estou com cal no sapato, na roupa, mochila, uma sensação de secura, numa estrada de chão bem longe. Fico olhando os lixos em busca de uma garrafa pet para pôr a cal dentro, pois achava que seria melhor de carregar e escrever também. Depois de muito caminhar, ao passar numa casa, uma mulher abre a porta com uma sacola cheia de garrafas pet, peço a ela, depois vou para uma sombra embaixo de uma árvore, numa encruzilhada. Havia oferenda aos orixás, sento no meio fio, e vou pegando a manha de como colocar a cal dentro da garrafa, desperdiço bastante cal, encho mais uma pequenina, testo como é escrever com a garrafa, e escrevo **EXXU** (fig.4), deslocando também cis-tema sexo-gênero da divindade africana com a presença simbólica do cromossomo sexual vinculado ao “feminino” – só que não, risos. Sigo em frente, ainda tem uma caixa d’água nessa encruzilhada, lavo bastante minha mão, minha calça, sapato, até a mochila. Me ajeito e me preparo para partir, visto que ainda tem uma boa andada até meu destino.



Fig.(4). Taliboy, *Escrita de Artivista 4 - EXXU*, 2022. Cal, 30 x 60 cm, Vitória da Conquista (BA)

Finalmente chego no campo de futebol, ao lado da casa da minha avó. Que beleza! Ele é imenso, e está vazio. O sol continua a pino, não penso duas vezes: me dirijo para a trave e começo a escrever: **HOMEM TRANS** - bem grande, quase de trave a trave, embaixo **TRANS MASCULINO**, seguindo essa lógica de uma palavra abaixo da outra: **SAPATÃO MASCULINO**, o sinal de igual, **CORPOS COM VAGINA**, ficou tudo bem grande, só nesse campo de futebol foi toda a cal.

O **HOMEM TRANS, TRANS MASCULINO** ficou com uma tipografia mais limpa e fina, e assim como uma escrita que fazia na infância, foi “subindo a ladeira”. Percebi isso no ato, o que emocionalmente foi uma descarga de muitas coisas: vergonha, culpa, ressentimento, temor... Porque não dava pra consertar, então me recordou traumas como minha mãe me batendo e me mandando corrigir minha escrita, escrever direito ... Mas mesmo assim, essas memórias e sentimentos traumáticos não foram suficientes para eu parar,



não desistir, mesmo que parecesse impossível terminar essa escrita, quase sem pensar, ou por já ter ‘estragado’ tudo na minha cabeça, segui na escrita, sei lá porque... o **SAPATÃO MASCULINO**, e fui arremessando o restante do cal da garrafa no chão e expressivamente deu uma tipográfica muito interessante, já o **CORPOS COM VAGINA** eu terminei com a mão, o restante do cal que resolvi trazer para se caso tivesse dificuldade com as garrafas.

Agora só precisava de um ‘pau de self’, para ter a foto dos sonhos, mas não tinha essa ferramenta. Um dia depois comprei no centro de Conquista e que usei nas experiências no Rio de Janeiro. Fiz as fotos como pude (fig. 5), achando interessante o tamanho que tinha ficado e também ter de me livrar da cal, pra não precisar carregar mais, enfim, estava satisfeito. Apesar de saber que tinha outro campo por ali pertinho, não mais seria naquele mesmo dia, nem em mais nenhum desse retorno. Segui embaixo do sol escaldante, num misto de frustração, expectativa, receios, medos, cansaço, com aquela sensação de insolação de um dia de praia e sol intenso. Neste misto, sou tomada por uma lama emocional que me dá um caldo e só quero terminar esse dia de aniversário em minha solidão.

O que ficou ecoando depois desse dia intenso de sol foi que "EU ME TORNEI O QUE SEMPRE TEMI". E aqui essas palavras, apesar de sentir o peso delas, eram bem mais de libertação do que de temor, porque o que realmente temia era me ver através do olhar repressivo e julgador da norma.



Fig.(5). Taliboy, *Escrita de Artivista 5 - HOMEM TRANS MASCULINOS SAPATÃO TRANS MASCULINES = CORPOS COM VAGINA II*, 2022. Cal, 700 x 650 cm, Vitória da Conquista (BA)

## EXPERIÊNCIAS INICIAIS NA CIDADE MARAVILHOSA: #RIODETRANSLUTE

Agora propriamente entremos no trabalho/experiência aqui na cidade maravilhosa #riodetranslute<sup>29</sup>. Um dia indo pra Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pegar o almoço (bandejão) como faço durante a semana, foi dia de alguma partida do Flamengo, e descobri isso, pois a Tijuca estava toda vestida de preta e vermelha, uma imagem coletiva que me marcou muito (fig.6).



Fig.(6). Taliboy, *Tijuca em dia de jogo do Flamengo*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Fiquei viajando nas identidades compartilhadas pelo futebol, principalmente aqui no Rio, de fato, não tinha pensado de maneira mais aprofundada sobre isso. Estando na área, ao lado do Maracanã, é muito doido pensar nisso tudo. Na infância, o que significava o Flamengo, o Rio, a Globo, o espaço que a tv ocupou durante os anos 90, o futebol, a identidade nacional etc., agora me vejo nesse lugar e é muita coisa real e surreal.

Os dias se seguiram e fiquei pensando em usar dessas mesmas camisas do Flamengo como suporte – lugar do “comum”, de interesse coletivo - para propagar outras mensagens, que trouxessem agora não os nomes pessoais ou dos jogadores, mas sim os embates estruturais com a norma - o “entre” as “novas” e velhas identidades coletivas das *masculinidades embucetadas*, aqui as identidades são encaradas enquanto políticas, portanto desnaturalizadas e muitas delas são ressignificadas dentro do contexto de violência em que

<sup>29</sup> #riodetranslute foi o primeiro trabalho de intervenção ou *pirraça urbana* que realizei no calçadão de Copacabana ao deslocar a areia da praia para revelar as mascaradas da prática visual do LUTO (2021), agora ressignificada para #riodetranslute.

surgiram para devolvê-las em forma de desestabilização da norma, como as sapatão, mulher-macho, grelo-duro, e outras são construções dentro do próprio movimento social como as transmasculinidades, boycetas, homem trans, etc.

Ou seja, os sujeitos da pesquisa e os campos de batalha das identidades em diálogo direto com a masculinidade hegemônica que é quem primeiro vai captar essas mensagens (fig.7). É importante pontuar que quando penso no “comum”, estou me referindo ao lugar da política e da *partilha do sensível* como nos aponta Ranciere (2005), retornarei mais a esse ponto no final desse relato.

O engraçado é que quando vi essas camisas pela primeira vez, pensei: nunca mais vou usar uma camisa do Flamengo em minha vida. Tempo depois, menos de um mês, lá estava eu, rumo a Uruguaiana para comprar não só uma, mas mais de 11 camisas. Sobre isso, segue uma reflexão de como os caminhos das artes realmente nos levam a romper nossas próprias barreiras internas. Por esses motivos, acredito tanto na potência da arte em abrir espaços e possibilidades de outras leituras sobre as mesmas situações e embates com a norma, inclusive aquela que nos habita.

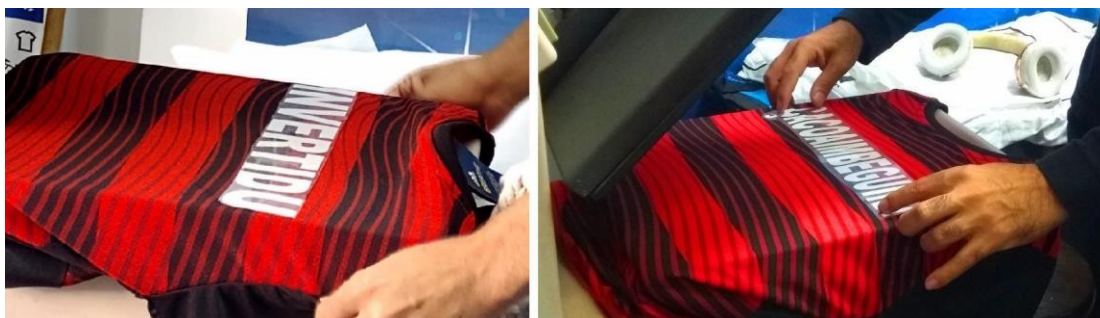


Fig.(7). Taliboy, *Escrita de Artivista 6 – INVERTIDU E ÇACOAIMBEGUIRA*<sup>30</sup>, 2022. Sublimação s/ camisa Flamengo, Rio de Janeiro (RJ)

Então, para a produção deste trabalho, primeiro apostei na camisa da **EX-MULHER** acho didático, para ‘explicitar’, o abandono do binário de gênero enquanto imposição social, assim como para trazer ao centro do debate as trans masculinidades que a sociedade em geral segue ‘fingindo’ que não sabe do que se trata, pois para eles só existem Homem de pênis e Mulher de vagina, ungido por Deus. Assim, no máximo, reconhecem através do insulto e com

<sup>30</sup> ÇACOAIMBEGUIRA “Quando os portugueses desembarcaram na Terra de Santa Cruz, uma das “aberrações” que mais chamou a atenção dos colonizadores foi a presença entre os indígenas, sobretudo nas aldeias dos Tupinambá, de inúmeras mulheres ultramasculinizadas que em tudo copiavam a maneira de ser dos homens: musculosas, manejavam corajosamente o arco e a flecha, tinham outra mulher com quem viviam casadas, e segundo os primeiros cronistas, ‘a maior injúria que lhes podiam fazer era chamá-las de mulher’. Tinham essas primeiras Amazonas até nome próprio: ÇACOAIMBEGUIRA” (MOTT, Luis, 1987, p. 7).



bem menos humanidade; a travesti, o viado e a sapatão e aqui a confusão entre as identidades de gênero e as práticas sexuais consideradas desviantes se entrecruzam, deixando tudo ainda mais complexo e diverso.

Wittig já preconizava lá nos idos dos anos de 1970, 1980 que a lésbica, de fato, não era mulher, pois rompia com o lugar destinado a heterossexualidade e ao binário de gênero. Para ela, a mulher só poderia existir em relação ao homem e vice-versa. Podemos também pensar na construção da legitimidades e do reconhecimento social, cultural, político e juridicamente do que Judith Butler (2003) chamou de *matrix heterossexual*, que envolve o asseguramento coerente das categorias sexo-gênero e práticas sexuais, ou seja, um corpo que se reconhece e se constrói de acordo com o gênero designado no momento do nascimento e que demonstra desejo e práticas sexuais pelo corpo/gênero oposto como únicas possibilidades universais, garantidas e protegidas nas leis humanas e divinas.

Outro ponto importante é também deslocar esse pesado jargão da EX-MULHER do jogador de futebol ou de qualquer outro homem hétero nessa mesma sociedade que é carregado de estigma, violência e feminicídio. Camisa pronta (fig. 8), e com todas essas questões e práticas discursivas colocadas pela sociedade, e deslocadas por este trabalho, sigo para o Maracanã num dia de partida de futebol tanto para fazer umas imagens quanto para sentir a recepção ao trabalho.



Fig.(8). Taliboy, *Escrita de Artivista 7- EX-MULHER*, 2022. Fotoperformance (#riodeencosta + pau de self), Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)





E assim vou levando os dias. O trabalho vai ganhando corpo, contorno nas saídas pelas ruas da cidade e no desenvolvimento das táticas de como conseguir os registros das fotos, seja através do uso do “pau de self”, super apropriado com a estética do conjunto, gerando uma encenação *performativa* no espaço público. Com isso, há mais foco para todo o trabalho, ou ainda parando as pessoas na rua, ficando de costas, e pedindo para fazerem o registro, confirmando assim a apreensão das mensagens. Tenho pensando na autoria coletiva dessas imagens como uma colaboração que tenho nomeado como *transe(j)unte*. Essa segunda tática me levou a outra metáfora da cidade maravilhosa com a poética do trabalho e com a disposição geográfica da cidade que é o #riodeencosta.

Assim, nesse processo de construção das aparições cotidianas das camisas no meu corpo pela cidade fui desenvolvendo, também, as táticas de proteção, através do uso da mochila, de como e que horas mostrar ou esconder as costas, até porque não podemos esquecer que estamos no Rio de Janeiro, no Brasil de 2022. É importante pontuar os momentos de automatismo das ações, em que me esqueço que estou com as camisas e só me lembro quando percebo olhares estranhos em minha direção, seja na fila dos bancos ao tirar a mochila das costas ao pagar as contas em mercados, etc.

Outra etapa importante da *prática visual artista das Masculinidades Embucetadas* é o compartilhamento dessas imagens (fig. 9) nas redes sociais, acrescidas de algumas memórias, outros relatos, pois, como disse acima, encaro esse trabalho/experiência com a apresentação pública desta pesquisa de doutorado; o abrir dos caminhos onde exponho as principais questões que estão me mobilizando atualmente, assim como para ter o registro de todas etapas por onde a pesquisa foi passando, inclusive na publicação deste texto.



Fig.(9). Taliboy, Escrita de Artivista 8 – *INVERTIDU*; *GRELO DURO*; *MULHER-MACHO*; *HOMEM TRANS*; *XX BOY*; *ÇACOAIMBEGUIRA*; *SAPATÃO*, 2022. Fotoperformance (#riodeencosta + pau de self + transe(j)untes, Rio de Janeiro (RJ))

Ou seja, o que tenho nomeado como práticas visual artivista é um conjunto de ações que são movidas para o desenvolvimento do trabalho em questão, desde o sustentar a ideia, criar as articulações necessárias para a produção das camisas e os efeitos que esses movimentos vão gerando. Também, as relações sociais que são realizadas a partir dessas práticas até as escritas subjetivas do processo que envolve o compartilhamento nas redes sociais, assim como a instalação do problema.

Além disso, temos o estado da arte da pesquisa que envolve a análise das condições anteriores ao surgimento do trabalho, os inúmeros diálogos sociais que são acionados para o desenvolvimento de tal prática visual, as conversas com as teorias sociais, estéticas e culturais. Bem como, os diálogos a partir da ótica dos movimentos sociais e das políticas públicas até as experiências cotidianas deste corpo performativo transmasculino e sapatão que se move pelo “entre” nos espaços urbanos desenvolvendo táticas poéticas e de sobrevivência para possibilitar a reexistência tanto da proposição estética quanto da abertura de realidade material e social para seguir operando através da diferença.

Portanto, ao iniciar uma prática visual de cunho artivista essas questões que são a matéria-prima, de teor cultural, política, social, jurídica e subjetiva que são mobilizadas e reagrupadas através da potência do estético para criar fissuras e deslocamentos na própria normatividade. É através das práticas visuais artivistas que consigo operar/materializar de maneira mais potente os encontros e incômodos com o jogo social que contém várias leis e normativas que me oprimem e me querem bem quietinha, no feminino, em outra

configuração. Então, a maneira que encontro de enfrentar esse cis-tema é a partir da prática visual ativista! É por meio dela que consigo me comunicar com o mundo, operando através do lugar da arte e da política.

Mas dando um salto nesses relatos, quero partir para a ação dos lambes onde transformei as camisetas de futebol do Flamengo em um arquivo digital gráfico (fig. 10) para serem coladas em conjunto no bairro da Tijuca, imediações do Maracanã. No projeto, foram reunidas a síntese das *Masculinidades embucetadas*, as 11 camisetas-identidades que acabei produzindo para me manter dentro do ‘comum’ do próprio futebol - 11 jogadores em campo. Essa seria a segunda ação de intervenção no espaço público aqui no Rio de Janeiro, então os ânimos estavam a flor da pele, afinal nunca sabemos o que pode acontecer quando se vira as costas para a rua para realizar uma ação de colar 11 imagens de 90 por 90 cm cada, ainda mais quando as nossas presenças são sempre vistas como ameaças e tensionamentos a esses mesmos espaços. Segue abaixo os relatos escritos um dia depois.

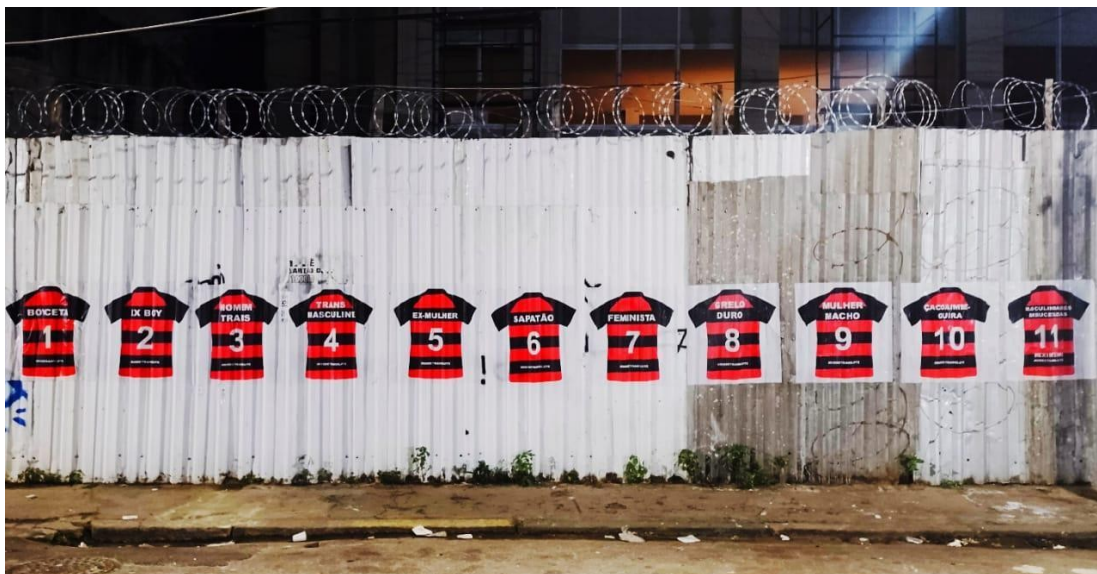


Fig.(10). Taliboy, Escrita de Artivista 9 - *Lambes Masculinidades Embucetadas em campo*<sup>31</sup>, 2022. Impressão digital s/papel e cola, 1100 x 90 cm, Rio de Janeiro (RJ)

Realizei ontem, dia 22 de junho de 2022, a ação de colar os lambes na Tijuca e foi uma experiência muito forte. Desde me preparar na véspera que nunca é fácil, mas confesso que

<sup>31</sup> 1- BOYCETA; 2- XX BOY; 3 – HOMEM TRANS; 4- TRANS MASCULINE 5- EX-MULHER; 6- SAPATÃO; 7- FEMINISTA; 8- GRELO-DURO; 9- MULHER-MACHO; 10 – ÇACOAIMBEGUIRA; 11- MASCULINIDADES EMBUCETADAS.

sustentar tudo, desde as ações em Vitória da Conquista (BA) nos anos de 2020 e 2021, ao sair da casa da minha avó ainda de madrugada, fez com que hoje fosse mais fácil de lidar.

Na noite da véspera, preparei a mochila, gravei o vídeo sobre as pre-tensões, coloquei na internet de modo privado para o caso de algo não sair como planejado e deitei para acordar às 03:00, para colocar o celular para carregar e depois às 04:00 para seguir para a Tijuca.

Ouçó música e tento relaxar na cama, até conseguir dormir, sonhei. O despertador me faz pular da cama, como de costume nesses momentos, um rompante, troco a roupa, banheiro, pego a mochila, os lambes e pronto. No sonho percebi que precisaria de mais água, fato! Sigo para a rua ainda escura, na descida encontro três pessoas no ponto de ônibus, um buzu saindo da garagem para iniciar o dia. Coloco o celular na cueca e sigo decidido, naquele estado da contingência em que tudo pode acontecer, inclusive nada.

Realmente não há carro nenhum na rua hiper movimentada do dia, apenas duas viaturas que passam por mim, sempre me dando frio na espinha. Chego na avenida principal, chamada 28 de Setembro, aquela abaixo da UERJ, e lá tenho a sensação que estou no circuito Barra-Ondina do carnaval de Salvador: muito clara, com muita luz e totalmente vazia, só um morador de rua que eu cruzo exatamente no muro (fig.11) que tinha imaginado colar os lambes e um carro estacionado em frente, o que colaboraria para me encobrir um pouco. Era por volta das 04:40 da madrugada mais ou menos, tudo fechado, vazio e muito claro, abro a mochila, os papéis e me salto, ou me preparo pra começar, jogo a cola no primeiro lambe, na parede, realmente tentando economizar e sentir o que vai de material, afinal são 11 cópias. Ao levar o papel para parede já sinto a dificuldade de a cola aderir, a parede é muito porosa.

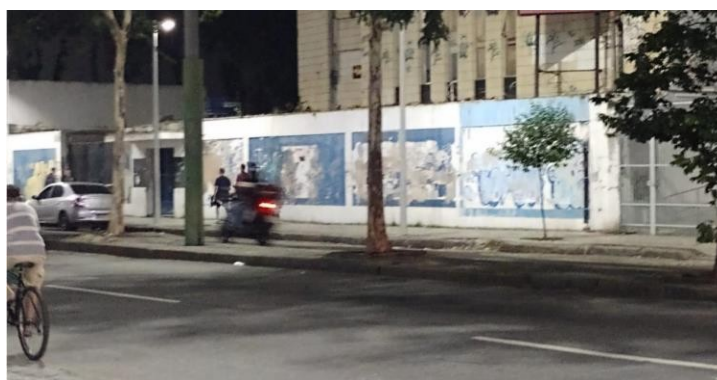


Fig.(11). Taliboy, *Muro da Av. 28 de Setembro*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Sendo assim, mudo os planos e sigo diante da possibilidade de perder essa primeira cópia que está bem encharcada. Pensando muito rápido e com as coisas espalhadas pela calçada, pego a mochila com o papel meio grudado numa mão. O segundo lambe molhado





junto com os outros, o rolinho, a cola, corro pra rua transversal de baixo, um pouco menos movimentada, mas com a superfície perfeita para os lambes, estrutura de metal, chego lá, a rua bem mais escura, tento salvar as partes do primeiro que já estavam se desfazendo, ponho a parte central no alumínio de ondas e vou tentando entender como se dá a colagem e a passagem do rolinho pra ficar bem liso (fig. 12). Funciona bem e é até gostoso; depois pego as partes e vou montando o quebra cabeça ainda do primeiro lambe – o BOYCETA -, tento também ajustar o segundo lambe que já estava molhado, o XX BOY, para não grudar as partes, mas não perdi o primeiro lambe. Ufa! Nesse momento pensava só em ter a foto com todos eles - por conta da grana investida, e funcionária pelo menos para contar essa narrativa.

Confesso que estava bastante frustrado com essa mudança repentina de planos, afinal a visibilidade da outra parede nem se compara a essa, mas tentava relaxar, porque ali havia também intenso fluxo de pessoas, carros, além de não ter perdido o dinheiro. Ainda assim, levava comigo a frustração das mudanças de planos, mas bora lá: mão na cola. Os outros foram se desenrolando na tranquilidade. Nenhum carro passava, escuridão; tava bem encoberto, fazia apenas o barulho do contato do rolinhos com o alumínio, até que quando tava no sexto ou sétimo lambe um segurança do espaço apareceu e me olhou, eu agachado, sorri pra ele e pedi licença, disse que estava colando umas coisas aqui, ele me olhou e não disse nada e entrou, respirei aliviado, talvez por ele julgar meu gênero, cor de pele, ver a camisa do flamengo de longe. Eu mesmo quando atravessava a rua não lia de imediato, também a proteção certa de Exxu e Zé Pelintra estavam no meu encalço, enfim, mil fatores. Passou um senhor também, devia ser umas 05:10 da manhã, tão simpático me sorriu e se aproximou, já achei que era do espaço também, sorri de volta e disse que estava ali trabalhando, ele me deu bom trabalho, leu as camisas, sorriu e seguiu, tentava terminar logo, eram 11, as duas últimas quase chegando no limite de um poste, evitava qualquer ruído do rolinho no alumínio e achava que cada vez que aproximava deste poste me aproximava do segurança, mas ufa! Deu tudo certo!!



Fig.(12). Taliboy, *Lambes das Masculinidades Embucetadas na superfície ondulada do metal*, 2022. Foto de detalhe do lambe-lambe, 1100 x 90 cm, Rio de Janeiro (RJ)

Terminou. Esse, sem sombra de dúvidas, é o momento que mais gosto!!! É o momento do meu gozo, do meu certo!!! Agora, as dobras da experiência extra cotidiana e as descobertas, de fato, se dão no embate da ação, nos segundos, as vezes minutos ou horas. É aí onde realmente acontecem as magias, o imprevisto e o corpo sabe exatamente o que fazer. Me afasto pra ver do outro lado da rua e aí volta a frustração, detalhes que fariam, ao meu olhar, a diferença, mas que não mudariam a realidade, apenas juízos estéticos que, às vezes, enchem a cabeça e me fazem ficar meio frustrado depois da ação. Como por exemplo: os lambes poderiam ser maiores, deveria ter começado mais para o lado, não ficaram tão alinhados, deveria ter planejado antes, contado passos, etc, coisas que não consigo e nem quero fazer antes, racionalizar o processo, a urgência e os riscos gritam na minha mente, então me levam a agir e descobrir no caminho. Fiquei nessa lenga-lenga estética e que me aborrece tanto, e sim, de fato, sei que faz a diferença, casar escala com a cidade, afinal são alguns anos de prática.

Faço uma ou outra foto e saio pra caminhar para dar o tempo de amanhecer e fazer as fotos “oficiais” com a luz do dia. Esvazio a mochila, jogo as garrafas vazias e a de água fora, sento um pouco e fico observando o trabalho de algumas poucas pessoas movimentando as caixas de hortifrúti pela Avenida 28 de Setembro. Estou impaciente, meio frustrado e sinto que não fiz quase nenhuma foto direito e que não poderia me afastar de lá sem antes pegar umas imagens para garantir a ação - e aqui minha intuição mais uma vez sempre me avisando. Volto ao muro, ainda está escuro, é inverno, e aqui no Rio de Janeiro demora para clarear. Faço foto de longe, de perto, pego umas imagens e pronto.

Saio caminhando no outro sentido, do Maracanã, com um sentimento pesado do mundo. Na minha frente, a névoa do amanhecer casa demais com minha sensação interna, ao passar na frente do Hospital Universitário, já tem fila, o que me angustia mais ainda.

Caminhando, ao passar pela escultura do Noel Rosa e do Garçom (fig. 13), que tinha achado tão *kitsch*, todas as outras vezes que passei por ali, como todas as esculturas públicas de bronze e realistas que vemos pelas cidades. Mas enfim, resolvi sentar no banco vazio, leio a letra da música ‘conversa de botequim’ que está sobre a mesa, um diálogo com o garçom, vejo os detalhes e imagino a feitura, a escultura, a modelagem é bem feita em tamanho real. Acho que um pouco maior que o real. Deixo a ficção me capturar, o gesto estético do encontro, como é folgado esse Noel, eu penso logo, pedindo tudo ao garçom, bem típico da classe média, mas desejo o cafézinho com o pão com bastante manteiga - para mim não precisava tanto. Penso em Vô Dila e em minha mãe, por mil questões, principalmente por conta do cigarro, da manteiga, do mandar, e também da escolha afetiva que me fez torcer para o Flamengo, já que a outra banda da minha família era toda fluminense.

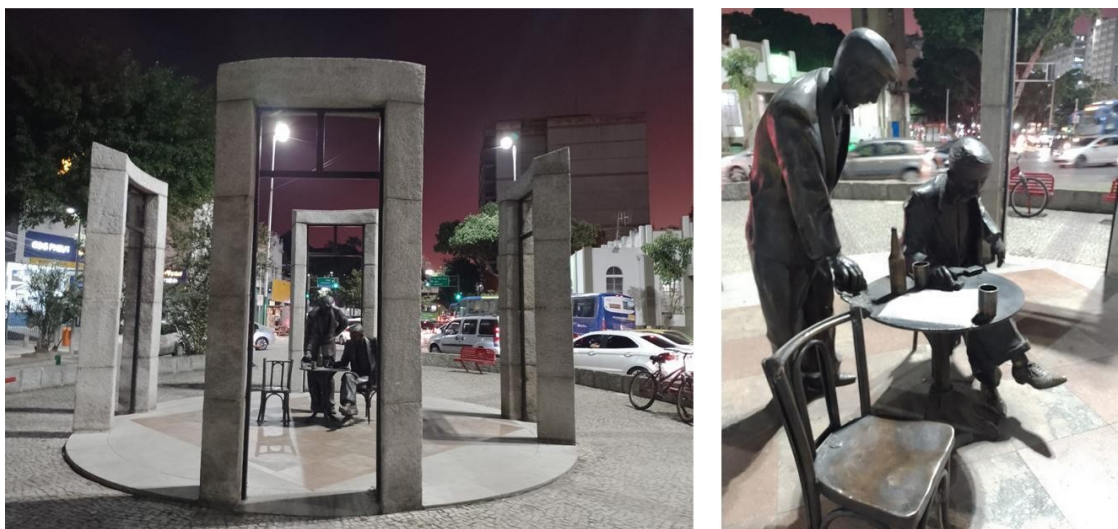


Fig.(13). Taliboy, *Escultura Noel Rosa e o Garçom - "Conversa de botequim"*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Me deixo aqui ser capturada por esse universo. Acho que as matérias desse semestre na UERJ estão sendo legais, inclusive para compreender e absorver a potência do estético como uma encenação da vida, assumindo o artifício da representação; pois na crise da representação que estamos vivendo junto com a crise da modernidade/colonialidade, colocamos tudo em xeque. E que bom!!! Eu que o diga. Não sobrou nada, nem pedra sobre pedra, e me vi tão só que precisei e preciso recompor os fios dessa trajetória e a UERJ está me oferecendo esse caminho, desde já estou agradecido. Depois desse breve descanso sigo pra dar a volta no

Maracanã, o mesmo caminho que tinha feito no dia do jogo do Flamengo com o Cuiabá, minha primeira vez no Maracanã, na véspera do feriado de *Corpus Crísth*, o dia tá raiando. Penso que será o tempo exato de que preciso para pegar o sol mais em cima, fazer as fotos e ir embora. Caminho tranquilamente, mas nem tanto, tentando dissipar a nevoa da ação, sempre nesses momentos penso na função da arte na sociedade, da afronta da ação que muitos achariam; penso na minha família, no meu caminho, se de fato estou colaborando com a sociedade e as cobranças tanto do cis-tema capitalista, quanto as demandas do social; da contradição e das complexidade envolvidas nisso. Nesse momento tiro a foto da UNIVERSIDADE INDÍGENA ALDEIA MARACANÃ (fig. 14) é o fundo do prédio do Museu do Índio, escrito gigante nos alambrados de alumínio, onde muitas pessoas correm. Acho incrível a estética social, ética tudo encaixado, tá tudo ali!!!! Nítido, direto e demarcado.



Fig.(14). Taliboy, *Universidade Indígena Aldeia Maracanã*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Sigo meu caminho, percebo o entorno, a mudança de classe social, ao dar a volta de um lado para o outro do famoso estádio. O cartaz gigante da Marta, do tamanho do feito dessa grande jogadora seis vezes campeã do mundo, uau!!! Volto novamente passando pela UERJ; algumas pessoas dormindo na calçada, coração aperta de novo, já está claro, passo em frente ao hospital universitário, por um quiosque com a calça preta como estava procurando e precisando, pergunto o valor (R\$20,00) e pergunto se consigo experimentar, eis que ela disse que sim e que é de "homem", dou uma risada e digo que sem problemas. Entro no quiosque, coube como uma luva, super confortável, me lembrando velhos tempos, já saio com ela vestida, a outra estava muito quente. Agradeço. Ao passar na frente do ambulatório para doar sangue, me lembro que nunca tô nessas bandas pela manhã, são quase 07:00 e abre a doação às 08:00, resolvo esperar, pois há tempos quero doar sangue. Entro no espaço, preencho a



ficha e fico no aguardo (fig.15), um pouco tenso com a possibilidade, porque como vi na ficha não dormi tão bem à noite, e também estou de estômago vazio, mas com vontade doar. A enfermeira me chama, me fala sobre os procedimentos, me pergunta pelas informações que marquei e eu digo sobre o uso do hormônio, testosterona, ela então me diz que não me deixa apto a doar o sangue. Engraçado que ela pergunta o porquê que eu faço o uso da testosterona e eu digo que é por *problemas de gênero*, pois é comum as pessoas usarem como anabolizante, diz também que é questão de portarias e que tá sempre mudando; segue dizendo que sente muito e tem a ver também com falta de estudos, me informa para que eu volte daqui a um ano para ver se mudou a portaria.

Saio meio frustrado e pensando nas várias mulheres cis que devem doar usando hormônios, anticoncepcionais; nos homens cisgêneros e bombados de academia. Nos quantos frangos cheios de hormônio a galera põe para dentro do próprio corpo, enfim, devia ter perguntado isso a ela, mas já foi; a opinião dela não mudaria nada ali naquela situação e, de fato, ela me pareceu aberta as questões todas, mas entendendo que o protocolo ainda não permite, por *problemas de gênero*, mas a qualquer momento pode permitir, ano que vem tento de novo. Tenho quatro anos ou a vida pela frente para perceber quando essa portaria mudará e nós, pessoas transvestigêneros, que nos hormonizamos poderemos ser doadores de sangue - para assim cumprir a promessa de ter conseguido a bolsa do doutorado.



Fig.(15). Taliboy, *Doe sangue, sangue é vida*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Agora, já por volta das 08h40 da manhã é a hora exata de passar em frente à rua que coleei os lambes e para meu choque - aqui, meu corpo todo estremeceu. Por essa não esperava: já estava tudo arrancado. De cima para baixo, todas as onze camisas, não sobrou quase nada. Senti como se esses rasgos fossem no meu próprio corpo. Sei que de alguma forma são. Imaginei que seriam arrancados, como de costume acontecem com lambes, ainda mais

aqueles que põem em xeque a norma ou trazem as questões de gênero e sexualidade, mas não tão rápido e em conjunto, pensei na raiva da pessoa ou das pessoas arrancando esse papel, eita #Rio mostrando sua cara extremamente violenta e, acima de tudo, transfóbica.

Realmente temi pela minha e de tantas pessoas trans e de gênero e sexualidades diversas, me lembrei também com dor de Matheusa Passarelli - artista trans que no ano de 2018 foi assassinada em uma favela do RJ. Seu texto chamado *O Rio continua lindo e opressor* citado por Bruno Reis na aula de ARTE, SUJEITO E CIDADE sobre os questionamentos em relação a segurança do “depois da festa” para a população LGBTQIAP+ e as pessoas *queers*. Também constatei que Matheusa fazia artes na UERJ, ainda não havia processado tudo isso, registrei como pude as imagens (fig.16) do trabalho destruído, segui para Andaraí, refletindo e digerindo tudo que aconteceu.



Fig.(16). Taliboy, *Lambes das Masculinidades Embucetadas rasgados poucas horas depois*, 2022. Rio de Janeiro (RJ)

Me veio à mente os enquadramentos visuais da rua que coleí os lambes e que passava quase todos os dias, do que é permitido ficar naquela rua, o que segue constantemente impregnado nas paredes, calçadas, postes, é de fato uma rua onde os símbolos do futebol canarinho, verde e amarelo, habitava de ponta a ponta (fig. 17). Isso já me intrigava, o que depois dessa ação veio a confirmar através da violência e rapidez com que os lambes foram rasgados, como se dá esse processo homogêneo de exclusividade da presença ufanista no espaço físico da rua, onde aparentemente parece ser uma presença tranquila e espontânea no espaço.

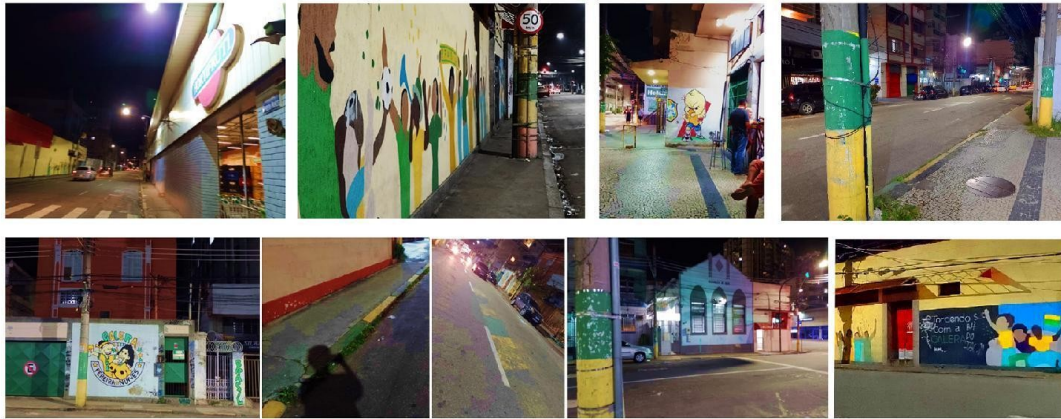


Fig.17. Taliboy, *Detalhe do que é permitido ficar na Rua Pereira Nunes*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Voltei pensando em todas essas questões, na disputa pela apropriação do ‘comum’, enquanto suporte para trazer a visibilidade e visualidade das presenças de corpos para além da norma, no caso específico deste trabalho as *Masculinidades Embucetadas*. Ficou ecoando ainda mais forte o que vinha refletindo a partir das discussões em aula sobre o Jacques Ranciere (2005) e Bruno Latour (2020) com opiniões opostas sobre o ‘comum’: o primeiro dizendo que existe e é o objeto central da política, enquanto o segundo dizendo que em momentos de extremismos, o ‘comum’ deixa de existir, o que faz muito sentido, ainda mais depois da nossa experiência com as forças bolsonaristas na arena pública. Por tudo que passei durante a pandemia convivendo em um contexto bolsonarista, violentamente normativo, era exatamente isso que faltava ali, o ‘comum’.

Através do dissenso que estava colocado na arena pública brasileira depois de 2016, tentava compreender essa situação através da ótica do Jacques Ranciere (2018) que parecia não mais funcionar à medida que o bolsonarismo ia chegando ao poder, pois não era a política que ali se instalava, e sim a barbárie, a violência e a aniquilação do outro, algo que ao meu ver fazia mais sentido pela ótica do Bruno Latour (2020). Confesso que não conhecia o pensamento de Latour, e ao ouvir pela primeira, foi essa lacuna que veio ocupar. Logo me lembrei do pensamento de Marcia Tiburi (2015), ao escrever *Como conversar com um fascista*, ela mesma constatava que não havia possibilidade deste diálogo acontecer, pois no fundo era esse ‘comum’ que ali seria subtraído.

Ainda tentando encontrar espaços nos escombros, assim como a possibilidade de construções possíveis e na insistência em operar a partir do ‘comum’, sigo acreditando na ARTE e no ATIVISMO, e que este trabalho, apesar de ter tido essa resposta tão imediata na rua, segue acontecendo, seja em apresentação na sala de aula, na produção da pesquisa como



um todo, produção de textos e ocupação das redes sociais, onde repercute sobre esses projetos e sigo acreditando que é possível produzir ‘comuns’ e seguir nas disputas para ampliá-los, assim como a resistência da política. É nisso que esta experiência/relato/trabalho e vida acredita!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, destaco que trago estes relatos de experiências ou *escritos de artistas*, pois julgo-os como imprescindíveis para o desentendimento (RANCIERE, 2018) não só das particularidades do trabalho, mas como possibilidade de apreensão dos sujeitos das *Masculinidades Embucetadas* que, ao serem trazidos a visibilidade e a visualidade através da prática visual, têm a capacidade de revelar como operam as forças normativas para tentar apagar essas aparições – e que esses apagamentos seguem operando não só no espaço onde as ações acontecem, mas em todo seu entorno como descrito neste texto.

Ao mesmo tempo, estes apagamentos revelam a capacidade subversiva em que os sujeitos dessa pesquisa têm em deslocar e desarmar não só a masculinidade violenta e hegemônica, quando o próprio cis-tema hierárquico binário do sexo-gênero da norma (BUTLER, 2003). Termina essa escrita compartilhando algumas perguntas que tem movida a pesquisa, que é como perceber/mensurar através das práticas visuais artistas o impacto e a redistribuição de territorialidades nas identidades e da sociedade em geral que insiste em localizar os corpos com vulvas nos lugares da representação sagrada do feminino, vinculadas a maternagem, etc, e se recusa a reconhecer/enxergar as *Masculinidades Embucetadas* em toda sua complexidade e diversidade. Ou, também perceber qual seria o lugar das *Masculinidades Embucetadas* dentro do feminismo contemporâneo. Será que o feminismo pode ser uma aliada ou contribuiu para a invisibilização desses sujeitos?

Portanto, é em meio a essas ambivalências/tensões/imposições/apagamentos/violências, que essa *escrita de artista* esta se movendo/agindo/des-construindo, apostando nas reparações/rasuras históricas e sociais muitas vezes inaudito do complexo encontro com o real, das mediações culturais, das disputas políticas através da linguagem estética e das experiências cotidianas para abrir rachaduras no campo da norma. 🌀

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Editora: Civilização Brasileira. 21ª edição, 2003.





BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e políticas nas ruas*: Notas para uma teoria performativa de assembleia. Editora: Civilização Brasileira. 1ª edição, 2018.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?:* Como se orientar politicamente no antropoceno. Editora Bazar do Tempo. 1ª edição, 2020.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-13, 2020.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto Ltda, 1987.

PASSARELI, Matheusa. O Rio de Janeiro continua lindo e opressor. Relatos da disciplina de gravura UERJ. ZINE. Disponível em <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/matheusa-o-rio-de-janeiro-continua-lindo.pdf>>. Acessado em 08/07/2022.

RANCIERÈ, Jacques. *A partilha do sensível*. Brasil: Editora 34/ Exo experimental org, 2005.

RANCIERÈ, Jacques. *O desentendimento*: Política e filosofia. Editora 34. 2 ed., 2018.

TALIBOY. LUTO enquanto prática e tática visual de pirraça urbana da Multidão SAPATRANSBONDE. Orientador: Roaleno Amâncio Costa. 2021. 276f. il. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

TIBURI, Márcia. *Como conversar com um fascista*. Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Editora Record. 14ª edição, 2015.